



Logo após a prisão de Jefferson, Bolsonaro publica vídeo se afastando daquele que, até então, era um dos seus apoiadores mais extremados. Horas antes, havia criticado o ex-deputado pelas ofensas à ministra Cármen Lúcia

Petebista vai de aliado a bandido

» INGRID SOARES

O ex-deputado Roberto Jefferson passou, em questão de horas, de aliado de Jair Bolsonaro (PL) a um “bandido” que atirou e atacou quatro agentes da Polícia Federal — ferindo dois deles — por cumprirem uma ordem de prisão. Depois que o petebista se rendeu e foi levado para a sede da PF, no Rio de Janeiro, o presidente da República, em vídeo nas redes sociais, classificou o ex-apoiador de criminoso.

“Como determinei ao ministro da Justiça, Anderson Torres, Roberto Jefferson acaba de ser preso. O tratamento dispensado a quem atira em policial é o de bandido. Presto minha solidariedade aos policiais feridos no episódio”, disse Bolsonaro.

A posição do presidente, porém, foi diferente daquela de horas antes quando, apesar de criticar Jefferson pelas ofensas contra a ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF), também atacou a “existência de inquéritos sem nenhum respaldo na Constituição e sem a atuação do MP (Ministério Público)”. Bolsonaro também desafiou a mostrarem alguma foto ao lado do petebista, mas foi desmentido com uma imagem de ambos trocando cumprimentos que circulou na imprensa e nas redes sociais.

Pouco antes da sabatina a que se submeteu, à noite, na Rede Record (leia na página 5), o presidente voltou a negar que exista “qualquer relação” dele com o ex-parlamentar. “Aqueles que insistem em dizer que o R.J. é meu aliado, lembrem que em setembro agora ele entrou com uma notícia-crime contra mim no STM (Superior Tribunal Militar). Não existe qualquer relação minha, quem age dessa maneira está mentindo”, afirmou.

Repúdio

O desacato de Jefferson a uma ordem judicial e o desfecho com a prisão do ex-deputado levou algumas das principais autoridades da República a se posicionarem.

Sem citar o nome de Jefferson, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), afirmou repudiar “toda reação violenta que ponha as instituições e seus integrantes em risco”. “O Brasil assiste estarecido fatos que, neste domingo,

Reprodução/Redes sociais



Inicialmente, Bolsonaro condenou as ofensas de Jefferson a Cármen Lúcia, mas criticou o Judiciário. Depois, abandonou o aliado ao chamá-lo de bandido

Análise da notícia

A “loucura” de Roberto Jefferson

» LUIZ CARLOS AZEDO

Ao resistir à prisão a tiros contra agentes da Polícia Federal (PF), ferindo um delegado e uma policial, ex-deputado Roberto Jefferson antecipou um tipo de atitude que vinha anunciando faz tempo, com objetivo de agitar as redes bolsonaristas mais radicais e estimular uma reação armada à eventual eleição do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), antes mesmo da conclusão da apuração dos votos, no próximo domingo. Com a prisão preventiva, em razão das agressões covardes

e inadmissíveis que fez à ministra Cármen Lúcia, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes — autor do mandado de prisão — tirou de circulação o mais radical aliado do presidente Jair Bolsonaro (PL), que estava ameaçando incendiar o país no dia da eleição.

Jefferson, um político capaz das atitudes mais imprevisíveis e extremas, revelou desespero por ter sido tirado do jogo antes de entrar em campo. Sua atitude pegou Bolsonaro de surpresa, que estava em São Paulo para um “tour de force”, cujo

objetivo era consolidar sua vitória no maior colégio eleitoral do país. O petebista roubou a cena do último domingo da corrida eleitoral. O que era para ser o ponto alto da campanha, virou um dia de pauta negativa, com o presidente da República tendo que dar declarações contra o aliado e despachar seu ministro da Justiça, Anderson Torres, para negociar a rendição de Jefferson.

A intervenção de Torres, que negociou a rendição de Jefferson não se sabe em que termos, foi uma “não-conformidade”, no jargão administrativo. Entretanto, evitou

que a PF invadisse a casa do ex-deputado e o prendesse com emprego de violência proporcional àquela que ele usou para resistir à prisão, uma vez que o ex-deputado federal transformou sua residência em Comendador Levi Gasparian, no interior fluminense, num verdadeiro bunker, do qual disparou tiros de fuzil e lançou granadas contra os policiais federais. Eleitoralmente, mesmo atuando para contingenciar a crise, Bolsonaro se desgastou eleitoralmente. Prestou solidariedade aos policiais feridos e chamou Jefferson de criminoso, mas já era leite derramado.

atingiram o pingo do absurdo. Em nome da Câmara, repudio toda reação violenta, armada ou com palavras, que ponham em risco as instituições e seus integrantes.

Não admitiremos retrocessos ou atentados contra nossa democracia”, tuitou.

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), repudiou

os ataques à ministra Cármen Lúcia e aos policiais, ressaltando que “o Estado democrático de Direito confere liberdades ao cidadão, jamais o direito de praticar

crimes e violar direito alheio”. Já o ministro Alexandre de Moraes, que determinou a prisão de Jefferson, parabenizou o trabalho da PF e destacou ser

Reação violenta acena aos radicais

A reação violenta do ex-deputado federal Roberto Jefferson, que se recusou a acatar um mandado de prisão e agrediu os agentes que foram levá-lo, inflamou os discursos radicais contra o Poder Judiciário. Os apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL) usaram a afronta praticada pelo petebista para desferir mais ataques ao Supremo Tribunal Federal (STF) e ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em especial ao ministro Alexandre de Moraes — que, além de ter determinado a volta do ex-parlamentar para a cadeia, é visto, hoje, como um dos principais inimigos do bolsonarismo.

Por causa disso, especialistas perceberam que o episódio de Jefferson foi o gatilho para a construção de uma narrativa, disseminada nas redes sociais, de que o STF e TSE promovem uma perseguição a Bolsonaro e seus apoiadores e que o ex-deputado se insurgiu contra isso. Para os estudiosos, o desrespeito do petebista à lei é um “dog whistle” — o “apito do cachorro”, mensagem que não é captada por grande parte da população, mas compreendida e atendida por parte dela — cujos resultados são imprevisíveis e potencialmente violentos.

O professor de estudos brasileiros da Universidade de Oklahoma (EUA) Fabio de Sá e Silva acredita que não se trata de um ato isolado, mas, sim, de uma estratégia da extrema-direita para atacar o Estado Democrático de Direito. “É possível que esse verdadeiro ato terrorista de Jefferson tenha sido praticado com finalidades eleitorais, já que o bolsonarismo vinha de uma semana de campanha centrada em denúncias de ‘censura judicial’, baseada na distorção de decisões adotadas pelo TSE — ou mesmo decisões inexistentes, como no caso da ‘retratação’ do pastor André Valadao”, analisa.

Para Silva, o episódio pode ter efeito aglutinativo da base radical do bolsonarismo. “Mas para a imensa maioria da população, isso pode sinalizar fraqueza e um tipo de instabilidade que essas pessoas não querem para as suas vidas nos próximos anos”, salienta.

Nada a perder

O analista político Mellilo Dinis partilha do mesmo entendimento e acredita que a situação tem como consequência pontos negativos para a campanha do presidente. “É um ato desesperado de quem não tem nada a

Cleber Felix/LDG News/Estadão Conteúdo



Jefferson chega à sede da PF, no Rio, para cumprir a prisão. Bolsonaristas radicais defenderam gesto do ex-deputado

perder. Do ponto de vista da política eleitoral, traz mais prejuízo do que ânimo às hostes bolsonaristas, e aumenta o discurso dos adeptos de Lula”, avalia.

O jurista e cientista político Enrique Carlos Natalino apontou a formação de um cenário extremo com a proximidade do segundo turno da eleição presidencial. “Mais uma vez, isso mostra o quão sério o é caminho que estamos tomando no Brasil com essa escalada de violência

política, de violência institucional. O presidente insufla não só contra o STF, mas contra todos os partidos e lideranças que lhe fazem oposição”, disse.

A afronta de Jefferson dividiu a ala bolsonarista. Apesar de o próprio presidente da República ter criticado o petebista por atacar os agentes que foram cumprir um mandado de prisão emitido contra ele, outros aliados mantiveram a posição em defesa do ex-deputado. Tal como o caso do deputado

federal Otoni de Paula (MDB-RJ): em vídeo publicado nas redes sociais, disse que conversou com a assessoria de Bolsonaro e que o presidente havia tomado a decisão de “mandar as Forças Armadas proteger o nosso Roberto Jefferson”. Nada disso aconteceu.

Na avaliação do cientista político André César, o cenário pode ficar crítico nos dias que restam até a realização do segundo turno. “Roberto Jefferson colocou mais lenha numa fogueira que já estava

“inadmissível” a agressão aos agentes. “Parabéns pelo competente e profissional trabalho da Polícia Federal, orgulho de todos nós brasileiros e brasileiras. Inadmissível qualquer agressão contra os policiais. Me solidarizo com a agente Karina Oliveira e com o delegado Marcelo Vilella que foram, covardemente, feridos.”

A Associação Nacional dos Delegados da PF repudiou o ataque de Jefferson e disse ser “totalmente inaceitável qualquer tipo de violência contra policiais federais, em especial no cumprimento do dever legal estabelecido pela Constituição”. Já a Federação Nacional dos Policiais Federais destacou a gravidade do atentado.

“A reação violenta contra policiais é um atentado contra o próprio Estado e uma ofensa incommensurável à ordem jurídica. A inconformidade em face de decisões judiciais deve ser demonstrada no terreno adequado, que são os próprios autos, nos termos da Constituição Federal de 1988, e nunca, através do exercício arbitrário”, observou.

Sociedade violenta

Quem também repudiou a desobediência de Jefferson foi o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), destacando que “criaram na sociedade uma parcela violenta, uma máquina de destruição de valores democráticos. Isso gera o comportamento como o que vimos hoje”.

A senadora Eliziane Gama (Cidadania-MA) classificou o ex-deputado como “terrorista”. “Resistir à prisão e trocar tiros com a polícia; conchamar o povo para pegar em armas; tudo, horas depois das graves agressões à ministra Cármen Lúcia! Jefferson representa perigo para a sociedade, realmente se comporta como um criminoso, um terrorista”.

O também senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) afirmou que Bolsonaro “tenta se desassociação do aliado que tentou matar policiais e que sempre esteve ao seu lado no governo. Ele estimula a violência e o ódio diariamente e agora quer tirar o corpo fora”.

A presidente do PT e deputada federal Gleisi Hoffmann (PR) destacou que Bolsonaro disseminou violência e que “o Brasil precisa de paz e a vida do povo tem de ser a centralidade do nosso debate”.



É possível que esse verdadeiro ato terrorista de Jefferson tenha sido praticado com finalidades eleitorais, já que o bolsonarismo vinha de uma semana de campanha centrada em denúncias de ‘censura judicial’

Fabio de Sá e Silva, professor de estudos brasileiros da Universidade de Oklahoma

alta. Os eventos recentes mostram que temos um quadro extremamente grave, extremamente tenso, no qual as figuras centrais do debate político vão viver mais e mais essa tensão. Até o próximo domingo, a nossa democracia vai ser radicalmente testada”, ressalta.

Depois da prisão de Jefferson, começou a circular nas redes sociais um vídeo de supostos caminhoneiros afirmando que, no dia 30, caso Bolsonaro não vença a eleição, vão parar o país. A publicação ameaça o STF e o TSE, e reproduz a fala bolsonarista de que o presidente só não será reeleito se houver “fraudes nas eleições”. (LP)